

“ PAIXÃO SEM BARREIRAS “

Marcia Leonardecz

*Com a colaboração de Neide Spies*



*Este livro é dedicado a todos que  
Incentivam o meu trabalho.  
Em especial, ao meu esposo e filhos.  
E, a Neide pela colaboração da história.*



Paixão Sem Barreiras

Diagramação e Revisão:

Marcia Leonardecz

Capa:

Marcia Leonardecz

1ª Edição

Paixão Sem Barreiras  
Copyright © 2022 por Marcia Leonardecz

Todos os direitos reservados.  
Protegidos pelas leis do direito autoral.  
Nenhuma parte deste Livro pode ser utilizada ou  
reproduzida sob quaisquer meios existentes  
sem autorização por escrito da escritora.

PAIXÃO SEM BARREIRAS





## PRÓLOGO

-- Bom dia, como está se sentindo hoje?

-- Bom dia – respondeu seco, sem entusiasmo.

-- Como está se sentindo hoje? – tornou a perguntar o rapaz, parado em frente a cama.

-- Que horas são? – perguntou o homem deitado na cama, ignorando a pergunta.

O rapaz olhou seriamente para o homem, lançando lhe um olhar repreendedor e, olhando para o seu relógio, respondeu:

-- São 09hs e está na hora do seu remédio – disse, entregando um copo de água e dois comprimidos ao senhor rabugento.

-- Será que vocês não poderiam dispensar essas porcarias de remédios? Já que vou morrer mesmo – completou ele, após engolir os comprimidos.

-- Deixe de ser rabugento. O senhor ainda vai viver muito. Talvez, até mais tempo que eu – falou o enfermeiro, tentando ser gentil.

-- Só você para me fazer rir – disse o homem, entre uma gargalhada.

John Bernardi estava deitado em uma cama de hospital há cinco dias, esperando por resultados de exames.

-- Bom dia! – disse um homem entrando.

-- Bom dia, doutor – respondeu John.

-- Ele já tomou os remédios? – o médico perguntou, para o enfermeiro.

-- Bom dia doutor. Sim, a meio contragosto – completou, olhando para John.

-- Com este aí – disse John, apontando para o enfermeiro – não tive escolha.

-- Ele só faz o trabalho dele – respondeu o médico.

-- Então, já posso ir embora? – John perguntou, olhando sério para o médico.

-- Calma, não está gostando da nossa companhia?

-- Preferiria recebe-los em minha casa.

O médico esperou que o enfermeiro saísse para conversar seriamente com seu paciente.

-- Vamos logo, Stive, diga lá o que houve, o que eu tenho?

-- Bom John, os resultados não são lá muito bons – disse ele, olhando sério seu paciente.

-- Pare de suspense, diga logo.

Stive baixou a cabeça olhando para a prancheta em suas mãos. Sem saber como começar.

-- Diga de uma vez homem! – gritou John, perdendo a paciência – desculpa! – pediu ele, passando a mão pela cabeça – estou nervoso e ansioso.

-- Eu entendo você John, mas você terá que ser forte.

-- Estou preparado para tudo, meu amigo.

Stive olhou profundamente para o amigo e falou:

-- John, eu sinto muito, mas é câncer.

-- Eu já imaginava.

-- Existem tratamentos, que se começarmos agora, podem prolongar sua...

-- Para quê? Esta vida já me deu tudo o que eu tinha de direito -- interrompeu John – esses tratamentos só irão piorar meus dias em vez de ajudar. Prefiro o pouco tempo de vida que tenho com alguma dignidade.

-- Deixe de ser teimoso, John. A casos em que os tratamentos dão uma boa qualidade, sim, e um bom tempo de vida a mais.

-- Não é o tempo de vida que conta, e sim a qualidade. Não quero passar o resto dos meus dias entre idas e vindas, vai e vem, de casa para o hospital e do hospital para casa.

-- Mas John, temos ótimas alternativas, tratamentos que podem ser feitos em casa, na sua casa.

-- E para quê? Não há ninguém que se importe em que este velho viva mais ou não.

-- Como não tem? E a sua sobrinha? – perguntou o médico, tentando convencer o amigo – esqueceu-se dela?

-- Ela nem sabe que eu existo, você sabe disso.

Stive olhou para John, sabia que não conseguiria convence-lo. Despediu-se do amigo, deixando-o só com seus próprios pensamentos.

John olhou para a janela e se deixou a pensar e lembrar do irmão que há muitos anos morreu, e na sobrinha que nunca conheceu. “De que lhe adiantava tanto dinheiro? Se não podia comprar sua saúde de volta e nem mesmo desfrutá-la ao lado de alguém que amava? “

Era 15hs, quando o enfermeiro entrou no quarto trazendo o café da tarde.

-- Hora do café – disse ele sorrindo.

-- Obrigado, pode colocar a bandeja ali – John disse, apontando para uma mesinha.

-- Mas, o senhor não vai toma-lo agora?

-- Não estou com fome – ele respondeu seco.

-- O que aconteceu? Estou sentindo que o senhor está preocupado – perguntou o enfermeiro, parado, medindo a pressão de John – foram os exames?

--Pois é, chegou a minha hora –John respondeu entre um suspiro.

-- Sinto muito. Posso ajudar em alguma coisa? – o enfermeiro perguntou, gentilmente.

“Como será que ela é? Puxou o pai? “

-- Sr. John?

-- Humm??!!

-- O sr. está bem?

-- Sim, estou. Estava apenas pensando.

-- Desculpe ter interrompido, é que o sr. pareceu estar muito longe daqui, estava paralisado com alguma coisa.

-- Estava sim, bem longe com meus pensamentos – respondeu ele tentando sorrir.

-- Deixarei o sr. descansar, voltarei depois para pegar a bandeja – falou o enfermeiro já se afastando.

-- Mike – chamou John, quando o rapaz chegava a porta.

-- Sim? – perguntou o enfermeiro, parando.

-- Você me faz um favor?

-- É só pedir, se estiver ao meu alcance – disse Mike se aproximando.

-- Sabe, já fiz muitas besteiras na minha vida, mas a maior de todas foi quando expulsei meu irmão de casa. Foi em uma briga muito idiota.

-- Mas o sr. ainda pode consertar...

-- Infelizmente não posso. Ele já morreu, a 15 anos...é isto! – exclamou John de repente.

-- Isto o quê? – assustou-se o enfermeiro.

-- Eu acho que ainda posso fazer algo de bom antes de morrer.

-- Então vamos lá, ajudo o sr. a realizar essa boa ação.

-- Meu irmão teve uma filha e...

-- Então...?

-- Então eu poderia fazer algo por ela. Ajudá-la de alguma maneira.

-- O sr. a conhece?

-- Infelizmente não. Nem mesmo sei se ela é viva e, se sabe algo a meu respeito.

-- Sabe onde ela mora?

-- Não – respondeu John, desanimado.

-- Não desista, sr. John, nada é impossível – incentivou Mike.

-- Posso pedir para meu advogado procura-la.

-- Ótima ideia – apoiou o rapaz.

-- Ele terá que encontrá-la – John falou, animado.

-- Ele irá, sim, encontra-la – Mike falou, encorajando John – o sr. irá encontrar sua sobrinha.

-- Então, por favor me alcance o telefone – pediu John, apontando para o aparelho – ligarei agora mesmo para o Felipe.

John falou com o advogado e pediu que viesse o quanto antes para o hospital, não podia perder tempo, pois não tinha muito tempo.

Duas semanas se passaram, John estava em casa, na biblioteca.

-- Sr. com licença.

-- Oi, Mike, entre.

-- Acabou de chegar este envelope.

-- Ótimo, eu estava esperando.

-- Quer tomar seus remédios agora? Antes de abrir o envelope? Já está na hora de...

-- Mas será possível, Mike. Nós estamos na minha casa, e aqui não é um hospital onde você tem que me tratar como um doente.

-- Mas sr. John, a sua saúde e sua vida é muito importante e é minha prioridade – disse o enfermeiro sério – eu estou aqui para cuidar do sr., lembra do nosso acordo?

-- Sim, eu lembro do que acordamos, mas você não precisa ficar me lembrando a toda hora que eu estou doente.

-- Mas, ...

-- Agora você esqueça para que está aqui e que é um enfermeiro e, abra este envelope para mim – interrompeu John, entregando o envelope para Mike – nem isto estou conseguindo fazer, uma tarefa tão fácil – resmungou ele após o rapaz pegar o envelope para abrir.

Depois de abrir o envelope, Mike entregou o seu conteúdo à John, que leu e releu com os olhos fixos nos papéis em suas mãos. Comentando a seguir com os olhos cheios de lágrimas:

-- Eu estive com ela, com a minha sobrinha ao meu lado todo este tempo e não sabia.

-- Como assim sr. John? Não entendi.

-- Estes papéis são os resultados que o Felipe, meu advogado, descobriu sobre a minha sobrinha. Ele investigou toda a vida dela para mim.

-- E os resultados foram bons?

-- Bons? Muito bons. Ele foi a fundo nas investigações.

-- Então descobriu algo importante.

-- Importante?! Coloca importante nisto – disse John todo eufórico – está vendo aquele livro ali em cima da escrivaninha? – ele perguntou apontando para um livro grosso – foi ela quem escreveu. Mike, ela é escritora e eu leio todos os livros que ela escreve. Você já deve ter ouvido falar nela, ela é muito conhecida...

-- Dayana Scheid – disse o rapaz, se aproximando da mesa e pegando o livro – sim, já ouvi falar dela. Realmente ela é uma grande escritora – completou virando-se para John.

-- Eu nunca poderia imaginar que minha sobrinha fosse uma escritora, para falar a verdade, eu nunca antes havia pensado nela – disse com os olhos lacrimejando – acho que só pensamos em nossos erros quando estamos perto do fim.

-- Claro que não sr. John, não pense assim – Mike falou se aproximando -- o sr. é uma boa pessoa.

-- Este dinheiro todo que eu tenho, toda esta minha fortuna – falou John, olhando e apontando para tudo ao seu redor --- não vai valer nada agora para mim. Mas espero que para ela sirva.





1° PARTE

CAPÍTULO 1

*... e entrando pela janela com o punhal na mão, ele se aproximou sorrateiramente da cama onde ela dormia. E de repente ela abriu os olhos e mesmo antes de poder piscar, sentiu o frio da lâmina penetrando em seu peito. Um grito ecoou no meio da noite...*

-- Entre Selma.

-- Desculpe incomodar, mas tem uma visita para você.

-- Quem é? – perguntou virando-se.

-- Mickeyas – respondeu a mulher.

-- Selma, eu sei que você não gosta muito dele, mas será que não dá para disfarçar um pouquinho?

-- Eu tento, juro, mas é difícil.

Dayana entrou na sala e encontrou um homem um pouco mais alto que ela, moreno claro, com um corpo bonito, não atlético, de cabelos castanhos e olhos grandes, de um castanho esverdeado.

-- Eu já estava indo encontra-la – disse ele se aproximando.

-- Oi Mickeyas, eu estava começando mais um capítulo do livro novo. Não esperava por você hoje – falou ela beijando levemente os lábios do rapaz, e enganchando-se no braço dele foram para sala.

-- Eu estava morrendo de saudades! Acho que meu coração não aguentaria até amanhã.

-- Ora, não exagere – disse ela sentando-se no sofá.

-- Eu gosto muito de você. Você sabe disso –ele falou, sentando-se ao lado dela.

-- Eu também gosto de você.

-- Mas então porquê não se casa comigo? – perguntou ele, pegando as mãos de Dayana e levando-as a boca para um beijo carinhoso.

-- Eu disse que gostava – falou ela, puxando as mãos – já basta você ter me convencido a noivar, mas daí a casar... – ela disse se levantando – nós já conversamos sobre isto – completou ela, olhando para ele, receosa, se afastando até a varanda.

Mickeyas levantou-se e foi atrás dela, abraçando-a pela cintura.

-- Desculpa, deixe isto pra lá. Vamos jantar fora? Vou leva-la em seu restaurante preferido – disse suavemente ao ouvido dela – que tal? – completou, olhando para ela.

-- Vamos, estava mesmo com vontade de sair de casa.

-- Estava? Não está mais? – brincou ele, acariciando suavemente o rosto dela com as pontas dos dedos.

-- Espere um pouco, que vou me arrumar – ela disse, saindo correndo para o quarto.

Dayana acordou bem cedo no dia seguinte e, pulando da cama vestiu um agasalho e saiu para o costumeiro cooper que fazia todas as manhãs.

Quando voltou encontrou Lucas Raad, seu empresário e mentor.

-- Lucas, que surpresa boa! Não o esperava assim tão cedo – cumprimentou ela, beijando-o carinhosamente no rosto.

-- Como vai, minha querida? – perguntou ele retribuindo o beijo.

-- Depois desta corrida, estou me sentindo ótima.

-- Como você aguenta correr tanto?

-- Já me acostumei. Só um minuto que vou tomar um rápido banho e já volto para tomarmos o café. Me espere.

-- Estarei na varanda.